

## **Afetos, controle e política: novas estratégias de vigília**

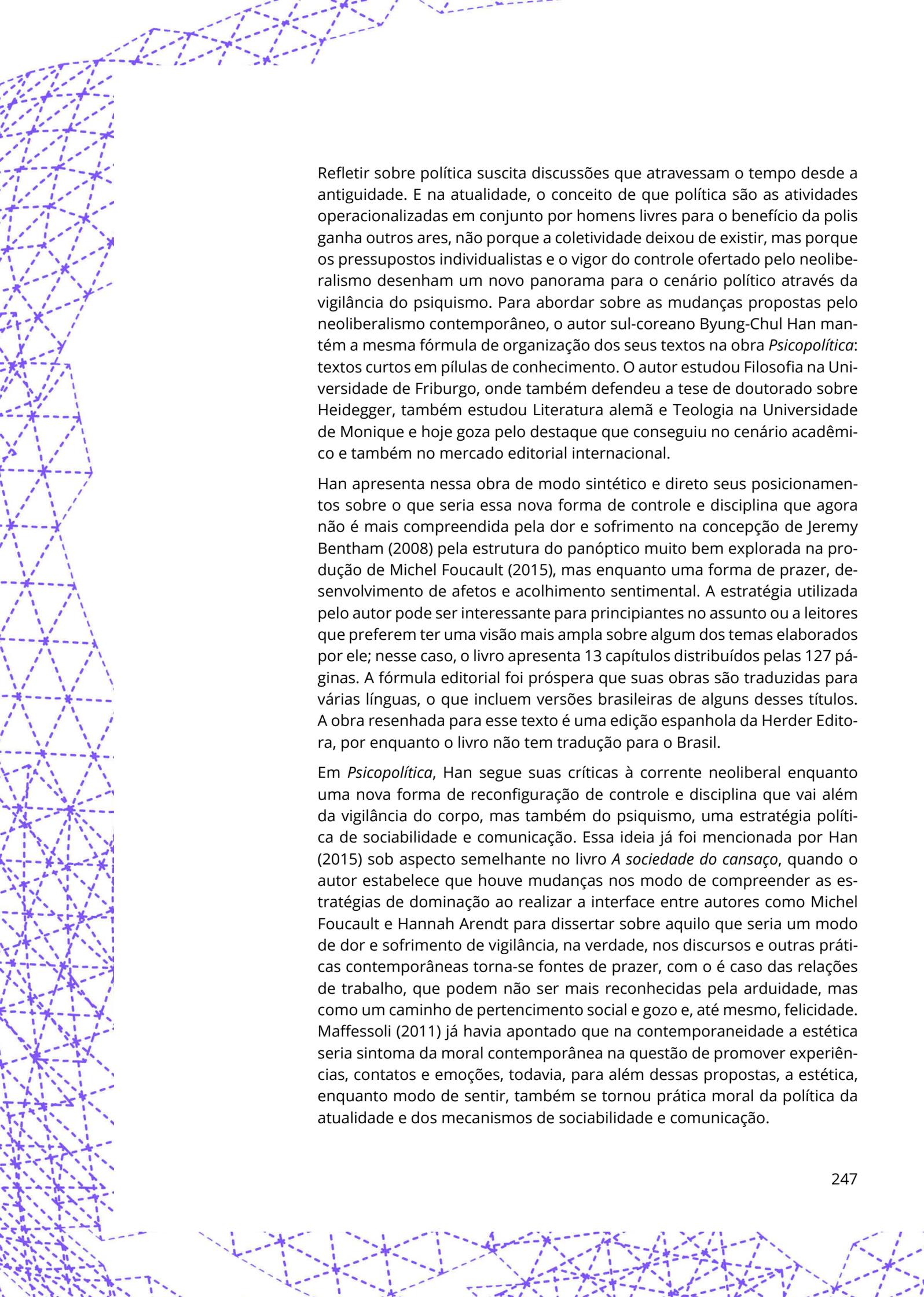
Obra resenhada: HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Trad.: Alfredo Bergés. Barcelona: Herder, 2017.

### **Muriel Emídio Pessoa do Amaral**

Doutorando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru) – Brasil  
Contato: [murielamaral@yahoo.com.br](mailto:murielamaral@yahoo.com.br)

**Submetido em 13/04/2018**

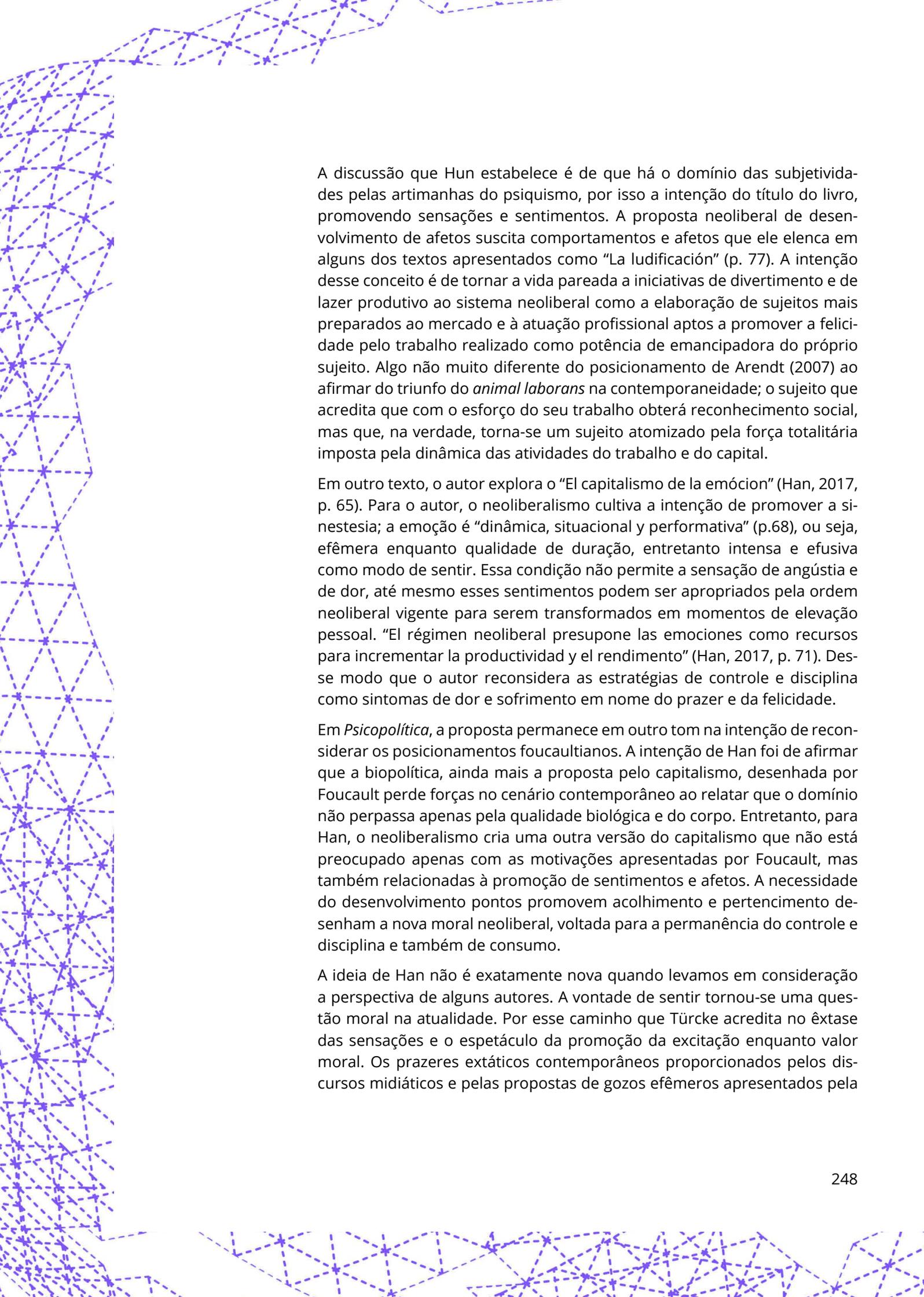
**Aprovado em 27/05/2018**



Refletir sobre política suscita discussões que atravessam o tempo desde a antiguidade. E na atualidade, o conceito de que política são as atividades operacionalizadas em conjunto por homens livres para o benefício da polis ganha outros ares, não porque a coletividade deixou de existir, mas porque os pressupostos individualistas e o vigor do controle ofertado pelo neoliberalismo desenharam um novo panorama para o cenário político através da vigilância do psiquismo. Para abordar sobre as mudanças propostas pelo neoliberalismo contemporâneo, o autor sul-coreano Byung-Chul Han mantém a mesma fórmula de organização dos seus textos na obra *Psicopolítica*: textos curtos em pílulas de conhecimento. O autor estudou Filosofia na Universidade de Friburgo, onde também defendeu a tese de doutorado sobre Heidegger, também estudou Literatura alemã e Teologia na Universidade de Monique e hoje goza pelo destaque que conseguiu no cenário acadêmico e também no mercado editorial internacional.

Han apresenta nessa obra de modo sintético e direto seus posicionamentos sobre o que seria essa nova forma de controle e disciplina que agora não é mais compreendida pela dor e sofrimento na concepção de Jeremy Bentham (2008) pela estrutura do panóptico muito bem explorada na produção de Michel Foucault (2015), mas enquanto uma forma de prazer, desenvolvimento de afetos e acolhimento sentimental. A estratégia utilizada pelo autor pode ser interessante para principiantes no assunto ou a leitores que preferem ter uma visão mais ampla sobre algum dos temas elaborados por ele; nesse caso, o livro apresenta 13 capítulos distribuídos pelas 127 páginas. A fórmula editorial foi próspera que suas obras são traduzidas para várias línguas, o que incluem versões brasileiras de alguns desses títulos. A obra resenhada para esse texto é uma edição espanhola da Herder Editora, por enquanto o livro não tem tradução para o Brasil.

Em *Psicopolítica*, Han segue suas críticas à corrente neoliberal enquanto uma nova forma de reconfiguração de controle e disciplina que vai além da vigilância do corpo, mas também do psiquismo, uma estratégia política de sociabilidade e comunicação. Essa ideia já foi mencionada por Han (2015) sob aspecto semelhante no livro *A sociedade do cansaço*, quando o autor estabelece que houve mudanças no modo de compreender as estratégias de dominação ao realizar a interface entre autores como Michel Foucault e Hannah Arendt para dissertar sobre aquilo que seria um modo de dor e sofrimento de vigilância, na verdade, nos discursos e outras práticas contemporâneas torna-se fontes de prazer, com o é caso das relações de trabalho, que podem não ser mais reconhecidas pela arduidade, mas como um caminho de pertencimento social e gozo e, até mesmo, felicidade. Maffessoli (2011) já havia apontado que na contemporaneidade a estética seria sintoma da moral contemporânea na questão de promover experiências, contatos e emoções, todavia, para além dessas propostas, a estética, enquanto modo de sentir, também se tornou prática moral da política da atualidade e dos mecanismos de sociabilidade e comunicação.

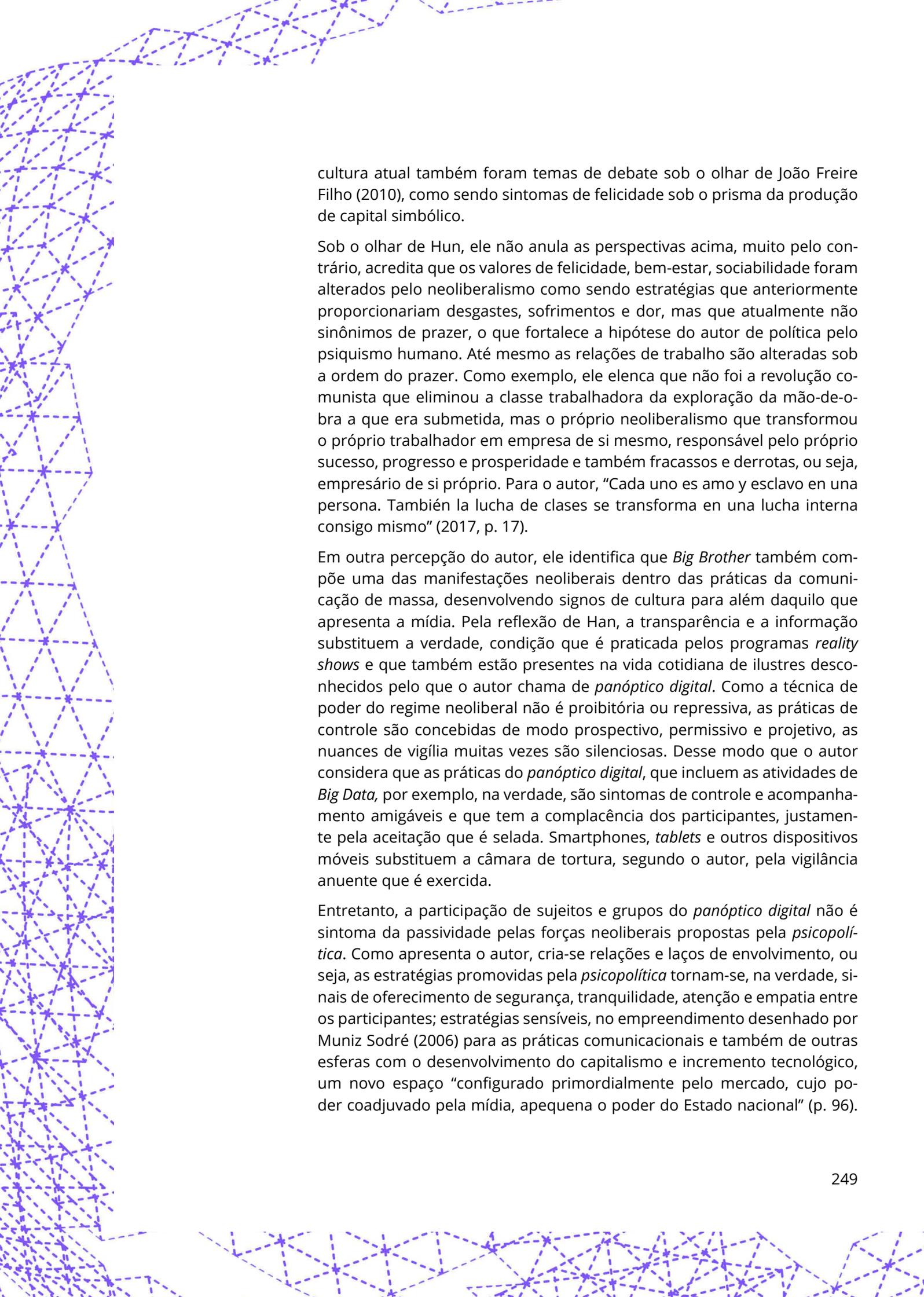


A discussão que Hun estabelece é de que há o domínio das subjetividades pelas artimanhas do psiquismo, por isso a intenção do título do livro, promovendo sensações e sentimentos. A proposta neoliberal de desenvolvimento de afetos suscita comportamentos e afetos que ele elenca em alguns dos textos apresentados como “La Ludificación” (p. 77). A intenção desse conceito é de tornar a vida pareada a iniciativas de divertimento e de lazer produtivo ao sistema neoliberal como a elaboração de sujeitos mais preparados ao mercado e à atuação profissional aptos a promover a felicidade pelo trabalho realizado como potência de emancipadora do próprio sujeito. Algo não muito diferente do posicionamento de Arendt (2007) ao afirmar do triunfo do *animal laborans* na contemporaneidade; o sujeito que acredita que com o esforço do seu trabalho obterá reconhecimento social, mas que, na verdade, torna-se um sujeito atomizado pela força totalitária imposta pela dinâmica das atividades do trabalho e do capital.

Em outro texto, o autor explora o “El capitalismo de la emoción” (Han, 2017, p. 65). Para o autor, o neoliberalismo cultiva a intenção de promover a sinestesia; a emoção é “dinâmica, situacional y performativa” (p.68), ou seja, efêmera enquanto qualidade de duração, entretanto intensa e efusiva como modo de sentir. Essa condição não permite a sensação de angústia e de dor, até mesmo esses sentimentos podem ser apropriados pela ordem neoliberal vigente para serem transformados em momentos de elevação pessoal. “El régimen neoliberal presupone las emociones como recursos para incrementar la productividad y el rendimiento” (Han, 2017, p. 71). Desse modo que o autor reconsidera as estratégias de controle e disciplina como sintomas de dor e sofrimento em nome do prazer e da felicidade.

Em *Psicopolítica*, a proposta permanece em outro tom na intenção de reconsiderar os posicionamentos foucaultianos. A intenção de Han foi de afirmar que a biopolítica, ainda mais a proposta pelo capitalismo, desenhada por Foucault perde forças no cenário contemporâneo ao relatar que o domínio não perpassa apenas pela qualidade biológica e do corpo. Entretanto, para Han, o neoliberalismo cria uma outra versão do capitalismo que não está preocupado apenas com as motivações apresentadas por Foucault, mas também relacionadas à promoção de sentimentos e afetos. A necessidade do desenvolvimento pontos promovem acolhimento e pertencimento desenham a nova moral neoliberal, voltada para a permanência do controle e disciplina e também de consumo.

A ideia de Han não é exatamente nova quando levamos em consideração a perspectiva de alguns autores. A vontade de sentir tornou-se uma questão moral na atualidade. Por esse caminho que Türcke acredita no êxtase das sensações e o espetáculo da promoção da excitação enquanto valor moral. Os prazeres extáticos contemporâneos proporcionados pelos discursos midiáticos e pelas propostas de gozos efêmeros apresentados pela

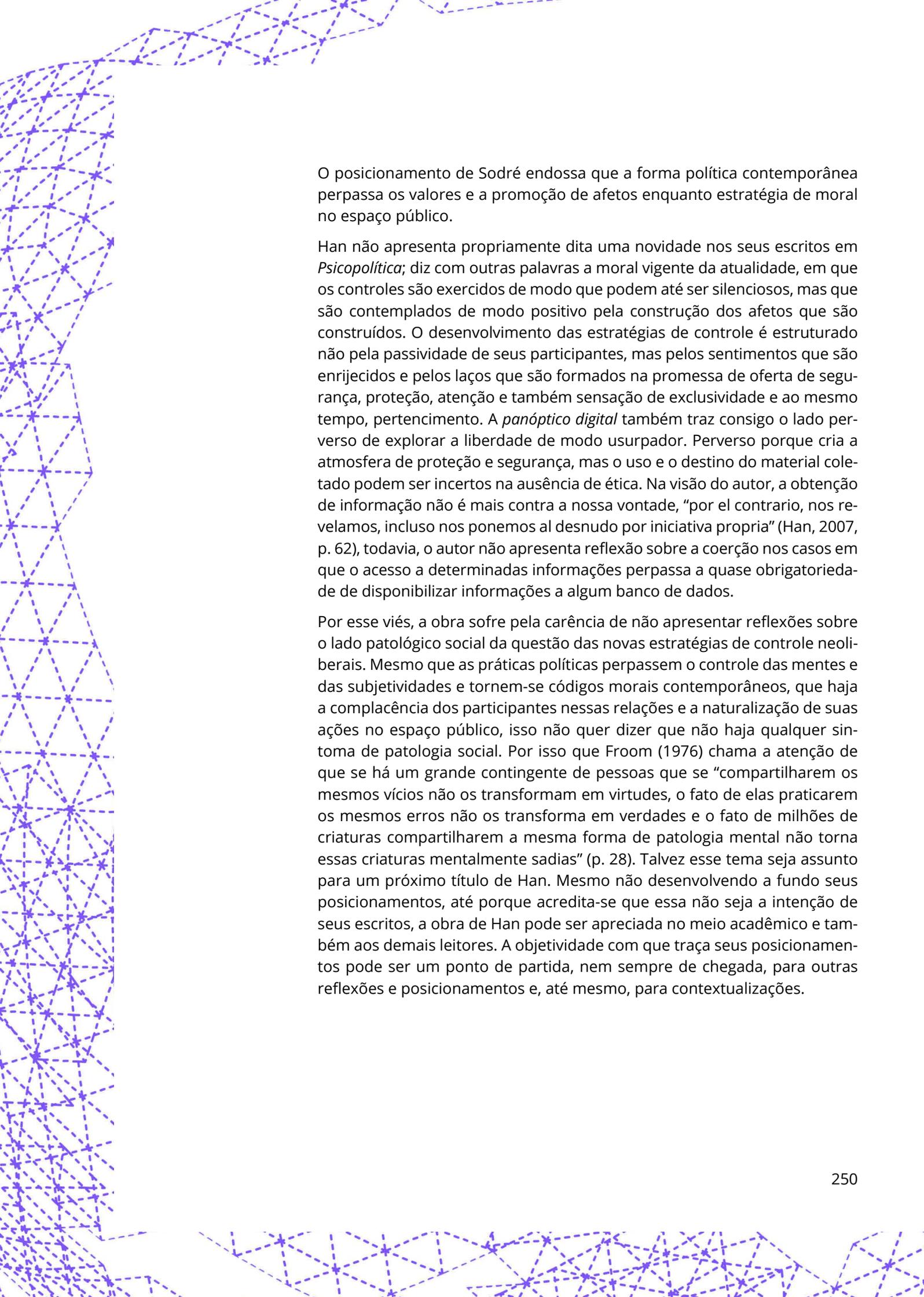


cultura atual também foram temas de debate sob o olhar de João Freire Filho (2010), como sendo sintomas de felicidade sob o prisma da produção de capital simbólico.

Sob o olhar de Hun, ele não anula as perspectivas acima, muito pelo contrário, acredita que os valores de felicidade, bem-estar, sociabilidade foram alterados pelo neoliberalismo como sendo estratégias que anteriormente proporcionariam desgastes, sofrimentos e dor, mas que atualmente não sinônimos de prazer, o que fortalece a hipótese do autor de política pelo psiquismo humano. Até mesmo as relações de trabalho são alteradas sob a ordem do prazer. Como exemplo, ele elenca que não foi a revolução comunista que eliminou a classe trabalhadora da exploração da mão-de-obra a que era submetida, mas o próprio neoliberalismo que transformou o próprio trabalhador em empresa de si mesmo, responsável pelo próprio sucesso, progresso e prosperidade e também fracassos e derrotas, ou seja, empresário de si próprio. Para o autor, “Cada uno es amo y esclavo en una persona. También la lucha de clases se transforma en una lucha interna consigo mismo” (2017, p. 17).

Em outra percepção do autor, ele identifica que *Big Brother* também compõe uma das manifestações neoliberais dentro das práticas da comunicação de massa, desenvolvendo signos de cultura para além daquilo que apresenta a mídia. Pela reflexão de Han, a transparência e a informação substituem a verdade, condição que é praticada pelos programas *reality shows* e que também estão presentes na vida cotidiana de ilustres desconhecidos pelo que o autor chama de *panóptico digital*. Como a técnica de poder do regime neoliberal não é proibitória ou repressiva, as práticas de controle são concebidas de modo prospectivo, permissivo e projetivo, as nuances de vigília muitas vezes são silenciosas. Desse modo que o autor considera que as práticas do *panóptico digital*, que incluem as atividades de *Big Data*, por exemplo, na verdade, são sintomas de controle e acompanhamento amigáveis e que tem a complacência dos participantes, justamente pela aceitação que é selada. Smartphones, *tablets* e outros dispositivos móveis substituem a câmara de tortura, segundo o autor, pela vigilância anuente que é exercida.

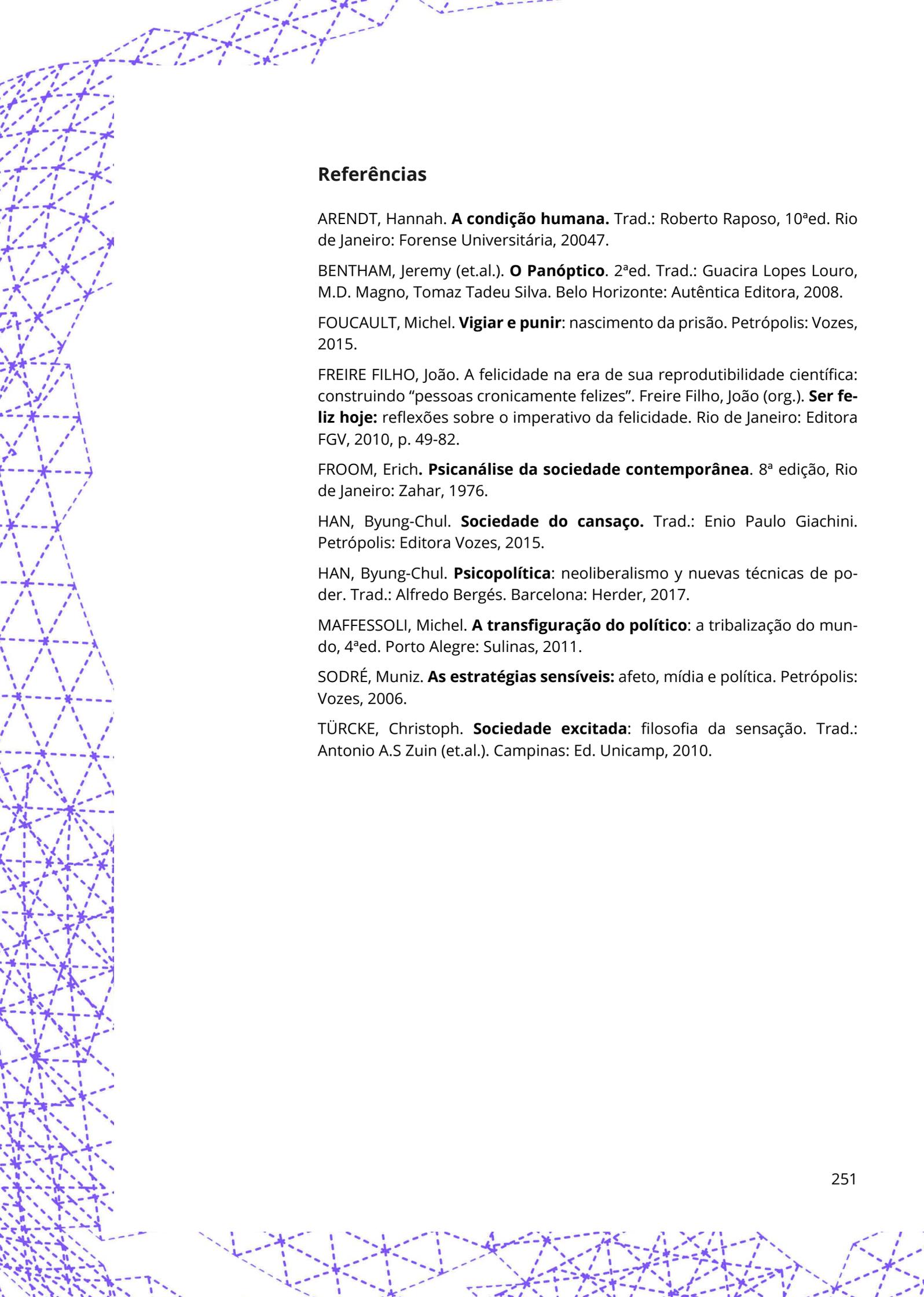
Entretanto, a participação de sujeitos e grupos do *panóptico digital* não é sintoma da passividade pelas forças neoliberais propostas pela *psicopolítica*. Como apresenta o autor, cria-se relações e laços de envolvimento, ou seja, as estratégias promovidas pela *psicopolítica* tornam-se, na verdade, sinais de oferecimento de segurança, tranquilidade, atenção e empatia entre os participantes; estratégias sensíveis, no empreendimento desenhado por Muniz Sodré (2006) para as práticas comunicacionais e também de outras esferas com o desenvolvimento do capitalismo e incremento tecnológico, um novo espaço “configurado primordialmente pelo mercado, cujo poder coadjuvado pela mídia, apequena o poder do Estado nacional” (p. 96).



O posicionamento de Sodré endossa que a forma política contemporânea perpassa os valores e a promo o de afetos enquanto estratégia de moral no espaço público.

Han não apresenta propriamente dita uma novidade nos seus escritos em *Psicopolítica*; diz com outras palavras a moral vigente da atualidade, em que os controles são exercidos de modo que podem até ser silenciosos, mas que são contemplados de modo positivo pela constru o dos afetos que são construídos. O desenvolvimento das estratégias de controle   estruturado não pela passividade de seus participantes, mas pelos sentimentos que são enrijecidos e pelos laços que são formados na promessa de oferta de segurança, prote o, aten o e também sensa o de exclusividade e ao mesmo tempo, pertencimento. A *panóptico digital* também traz consigo o lado perverso de explorar a liberdade de modo usurpador. Perverso porque cria a atmosfera de prote o e segurança, mas o uso e o destino do material coletado podem ser incertos na ausência de  tica. Na visão do autor, a obten o de informa o não   mais contra a nossa vontade, "por el contrario, nos revelamos, incluso nos ponemos al desnudo por iniciativa propia" (Han, 2007, p. 62), todavia, o autor não apresenta reflexão sobre a coer o nos casos em que o acesso a determinadas informa o perpassa a quase obrigatoriedade de disponibilizar informa o a algum banco de dados.

Por esse viés, a obra sofre pela carência de não apresentar reflexões sobre o lado patológico social da questão das novas estratégias de controle neoliberais. Mesmo que as práticas políticas perpassem o controle das mentes e das subjetividades e tornem-se códigos morais contemporâneos, que haja a complacência dos participantes nessas rela oes e a naturaliza o de suas a oes no espaço público, isso não quer dizer que não haja qualquer sintoma de patologia social. Por isso que Fromm (1976) chama a aten o de que se há um grande contingente de pessoas que se "compartilharem os mesmos vícios não os transformam em virtudes, o fato de elas praticarem os mesmos erros não os transforma em verdades e o fato de milhões de criaturas compartilharem a mesma forma de patologia mental não torna essas criaturas mentalmente sadias" (p. 28). Talvez esse tema seja assunto para um próximo título de Han. Mesmo não desenvolvendo a fundo seus posicionamentos, até porque acredita-se que essa não seja a inten o de seus escritos, a obra de Han pode ser apreciada no meio acad mico e também aos demais leitores. A objetividade com que traça seus posicionamentos pode ser um ponto de partida, nem sempre de chegada, para outras reflexões e posicionamentos e, até mesmo, para contextualiza oes.



## Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad.: Roberto Raposo, 10ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 20047.

BENTHAM, Jeremy (et.al.). **O Panóptico**. 2ªed. Trad.: Guacira Lopes Louro, M.D. Magno, Tomaz Tadeu Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2015.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. Freire Filho, João (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 49-82.

FROOM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad.: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder**. Trad.: Alfredo Bergés. Barcelona: Herder, 2017.

MAFFESSOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**, 4ªed. Porto Alegre: Sulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Trad.: Antonio A.S Zuin (et.al.). Campinas: Ed. Unicamp, 2010.